

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

CELIA BARBOSA DE CARVALHO RAMOS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é uma entrevista com Gilles Brougère, sobre o aprendizado através das brincadeiras.

Entrevista com Gilles Brougère sobre o aprendizado do brincar

Filósofo francês explica que o jogo é uma construção social que deve ser estruturada desde cedo. E o professor pode enriquecer essa experiência.

Sob o olhar de um educador atencioso, as brincadeiras infantis revelam um conteúdo riquíssimo, que pode ser usado para estimular o aprendizado. Gilles Brougère, um dos maiores especialistas em brinquedos e jogos na atualidade, entrou nesse universo totalmente por acaso. Desde o fim da década de 1970, o tema tornou-se objeto de estudo no grupo de pesquisadores em que ele atuava. Como na época não existiam investigações sobre a temática, Brougère vislumbrou o muito que havia para ser feito.

Desde então, ele pesquisa a cultura lúdica da perspectiva da sociedade na qual cada criança está inserida. É o contexto social, diz ele, que determina quais serão as brincadeiras escolhidas e o modo como elas serão realizadas.

Seus estudos indicam que os pequenos se baseiam na realidade imediata para criar um universo alternativo, que ele batizou de segundo grau e no qual o faz de conta reina absoluto. Graças a um acordo entre os participantes - mesmo os muito pequenos -, todos sabem que aquilo é “de brincadeira”. Por isso, fica fácil decidir quando parar. Pelo mesmo motivo, um jogo não pode ser nem muito entediante nem muito desafiante ao ponto de provocar ansiedade.

No final de 2009, Brougère esteve no Brasil e conversou com NOVA ESCOLA, inclusive sobre a relação do brincar com a violência.

Quais são as características básicas da brincadeira?

GILLES BROUGÈRE *A primeira característica é a que se refere ao faz de conta. É o que eu chamo de segundo grau. Toda brincadeira começa com uma referência a algo que existe de verdade. Depois, essa realidade é transformada para ganhar outro significado. A criança assume um papel num mundo alternativo, onde as coisas não são de verdade, pois existe um acordo que diz “não estamos brigando, mas fazendo de conta que estamos lutando”. A segunda característica é a decisão. Como tudo se dá num universo que não existe ou com o qual só os jogadores estão de acordo que exista, no momento em que eles param de decidir, tudo para. É a combinação entre o segundo grau e a decisão que forma o núcleo essencial da brincadeira. A esses dois elementos, podemos acrescentar outros três. Para começar, é preciso conhecer as regras e outras formas de organização do jogo. Além disso, o brincar tem um caráter frívolo, ou seja, é uma ação sem consequências ou com consequências minimizadas, justamente porque é “de brincadeira”. Por fim, há o aspecto da incerteza, pois o brincar tem de se desenvolver em aberto, com possibilidades variadas. Quando todos sabem quem vai ganhar, deixa de ser um jogo (e, nesse ponto, é o contrário de uma peça de teatro, que também é “de brincadeira”, mas que sabemos como acaba).*

O tema de sua pesquisa é a relação da brincadeira com a cultura lúdica. Como definir esse conceito?

BROUGÈRE *A cultura lúdica são todos os elementos da vida e todos os recursos à disposição das crianças que permitem construir esse segundo grau. Ela não existe isoladamente. Quando a criança atua no segundo grau, mantém a relação com a realidade (o primeiro grau), pois usa aspectos da vida cotidiana para estabelecer uma relação entre a brincadeira e a cultura local num sentido bem amplo. Depois, os pequenos desenvolvem essa cultura lúdica, que inclui os jeitos de fazer, as regras e os hábitos para construir a brincadeira. Um bom exemplo são as músicas cantadas antes de começar uma brincadeira no pátio da escola.*

Compartilhada?

BROUGÈRE *Ambos. Como toda cultura, ela se refere ao que é compartilhado e é isso que permite que uma criança brinque com outras. Cultura, numa definição muito rápida, é “tudo*

aquilo que compartilhamos”. Então, para compartilhar uma brincadeira, é preciso ter uma cultura compartilhada. Ao mesmo tempo, porém, é preciso entender que cada criança, em função de sua história de vida, tem um jeito particular de lidar com as brincadeiras. Às vezes, ela conhece alguns jogos, mas não outros.

Por isso, posso afirmar que existe também uma individualização dessa cultura, já que nem todos compartilham todos os elementos da cultura lúdica de uma geração. Alguns jogam videogames que outros nem conhecem. Da mesma forma, há diferenças entre as brincadeiras de meninas e de meninos. A cultura lúdica é a soma de tudo isso, considerando o resultado da vida de cada um. O fato é que a experiência lúdica não é a mesma para todas as crianças.

(Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Negocios-e-carreira/noticia/2012/09/robin-li-do-baidu-o-dinheiro-nao-e-medida-mais-importante-do-sucesso.html>)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

O gênero entrevista, em regra, é marcado pela natureza dialógica da linguagem, e que se utiliza de diversos recursos para marcar os falantes.

As aspas servem para isolar palavras, trecho de frases, frases e expressões, ou ainda, para indicar a reprodução literal de uma oração, de um período e, até mesmo, de um texto. Na frase, “*não estamos brigando, mas fazendo de conta que estamos lutando*”, qual intenção no uso das aspas?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

As aspas foram utilizadas na oração acima com a intenção de marcar a reprodução literal de um período, qual seja a citação da fala de um terceiro (uma criança) pelo entrevistado.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

As vozes verbais indicam a maneira como o sujeito se relaciona com o verbo, assim, o uso do sujeito como agente ou paciente pode gerar mudanças no sentido das frases.

No texto, na frase, “*Depois, os pequenos desenvolvem essa cultura lúdica, que inclui os jeitos de fazer, as regras e os hábitos para construir a brincadeira.*”, o entrevistado utilizou-se da voz ativa ou passiva? E qual o efeito gerado por esta opção?

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentidos gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

O entrevistado utilizou-se da voz ativa, ou seja, eles praticaram a ação de “*desenvolver a cultura lúdica*”. O objetivo do interlocutor ao utilizar-se da voz ativa foi claramente o de ressaltar mais o sujeito que pratica a ação do verbo (os pequenos), em detrimento da ação por eles praticada (desenvolver a cultura lúdica), produzindo o efeito de dar ênfase a ação e tornando o texto mais objetivo.

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II trata do papel da disciplina de Educação Física em relação a expressão por meio de movimentos dentro dos grupos sociais. A partir dele serão trabalhadas questões de Leitura e Uso da Língua.

Entrevista com Marcos Neira sobre o papel da Educação Física nas escolas

Para o especialista da Universidade de São Paulo, a função da disciplina é investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos

Rodrigo Ratier

De todas as disciplinas do Ensino Fundamental, provavelmente a Educação Física foi a que sofreu transformações mais profundas nos últimos tempos. Mudanças pedagógicas e na legislação fizeram com que até mesmo sua missão fosse questionada. Se até a década de 1980 o compromisso da área incluía a revelação de craques e a melhoria da performance física e motora dos alunos (fazê-los correr mais rápido, realizar mais abdominais, desenvolver chutes e cortadas potentes), hoje a ênfase recai na reflexão sobre as produções humanas que envolvem o movimento. Se antes o currículo privilegiava os esportes, hoje o leque se abre para uma infinidade de manifestações, da dança à luta, das brincadeiras tradicionais aos esportes radicais. Ecos da perspectiva cultural, que domina pesquisas e ganha cada vez mais espaço nas escolas.

Considerado um dos principais investigadores dessa tendência, o professor Marcos Garcia Neira, da Universidade de São Paulo (USP), defende que a principal função da Educação Física escolar é analisar a diversidade das práticas corporais da sociedade – mesmo as consideradas mais polêmicas, como danças do tipo funk e axé. Amparado por 17 anos de docência na Educação Básica e pela participação na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e das Orientações Curriculares do município de São Paulo, Neira discute essa questão provocadora e avalia os principais desafios da disciplina.

Por que a Educação Física mudou tanto nos últimos anos?

MARCOS GARCIA NEIRA *Foi uma mudança que acompanhou uma série de outras transformações. Na sociedade, grupos que não tinham sua voz ouvida ganharam espaço, o que impactou o currículo. A escola, antes voltada apenas para o conhecimento acadêmico ou a inserção no mercado, passou a visar a participação do aluno em todos os setores da vida social, o que mexeu com os objetivos da área. E a própria legislação, que desde a década de*

1970 apontava um compromisso com a melhoria da performance física e a descoberta de talentos esportivos, foi substituída em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que propõe que a Educação Física seja parte integrante da proposta pedagógica da escola.

Na prática, quais foram as principais transformações?

NEIRA Eu acredito que a Educação Física passou a ser reconhecida como um componente importante para a formação dos alunos. Antes, eram comuns as aulas fora do período regular, as dispensas por motivos médicos ou a substituição por atividades pouco relacionadas com a área, como conselhos de classe, por exemplo. Tudo isso colaborou para construir, na cabeça de alunos e professores, a representação de uma disciplina alheia ao projeto escolar, que servia apenas como recreação ou passatempo e não tinha nenhum objetivo pedagógico. Hoje, essa concepção não é mais dominante.

Qual é o objetivo da Educação Física escolar hoje?

NEIRA É o mesmo objetivo da escola: colaborar na formação das pessoas para que elas possam ler criticamente a sociedade e participar dela atuando para melhorá-la. Dentro dessa missão, cada disciplina estuda e aprofunda uma pequena parcela da cultura. O que a Educação Física analisa é o chamado patrimônio corporal. Nosso papel é investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos, criando esportes, jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras e danças, entender as condições que inspiraram essas criações e experimentá-las, refletindo sobre quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar.

Como saber quais esportes, jogos, lutas, danças e brincadeiras devem fazer parte do currículo?

NEIRA O ponto de partida é sempre o diagnóstico inicial. O interessante é que esse mapeamento do patrimônio cultural corporal da turma - as práticas ligadas ao movimento que os alunos conhecem ou realizam - revela uma realidade mais diversificada do que imaginamos. A garotada brinca de esconde-esconde, conhece skate pela TV, tem algum parente que pratica ioga e conhece malha ou bocha porque os idosos jogam na praça.

É possível ainda fazer outros mapeamentos. O professor pode passear pelo bairro observando manifestações corporais e equipamentos esportivos. Há academias ou ruas de caminhada, por exemplo?

Qual deve ser a postura da escola quando a cultura corporal dos alunos inclui danças como o funk e o axé?

NEIRA Não devemos fechar os olhos para essas manifestações, pois podem ser danças que os estudantes cultuam fora da escola. Isso não significa que devemos ficar apenas com aquilo que eles conhecem. Se o professor focar só os aspectos superficiais do funk e do axé, ensaiando coreografias, por exemplo, não estará cumprindo seu papel. Por outro lado, um trabalho crítico ajuda as crianças a analisar e interpretar o que são essas danças, contribuindo para que elas conheçam a própria identidade cultural e entendam quem são. A chamada cultura de chegada dos estudantes é um bom ponto de partida para um trabalho em direção a uma cultura mais ampla. A escola deve sempre fazer essa ponte entre o repertório conhecido e o desconhecido.

Como desenvolver o senso crítico?

NEIRA Comparando, indagando e aprofundando conteúdos para que a turma reflita. Depois de pular amarelinha, pense por que existem as "casas" do céu e do inferno. Durante o estudo dos exercícios físicos, reflita por que a academia se transformou numa espécie de espaço sagrado da saúde se as qualidades físicas alcançadas por lá também são obtidas, de graça, no parque. Uma Educação Física que trabalha apenas com o movimento não constrói esse senso crítico.

(Texto adaptado. Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/fundamentos/vez-formar-atletas-analisar-cultura-corporal-487620.shtml>)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

No texto em questão nota-se que houve uma reestruturação, por tratar-se de uma entrevista formal, todavia é possível localizar, ainda no texto gerador dois, um marcador de atenuação do falante, na seguinte frase:

- a) *“Eu acredito que a Educação Física passou a ser reconhecida como um componente importante para a formação dos alunos.”*
- b) *“O ponto de partida é sempre o diagnóstico inicial.”*
- c) *“Não devemos fechar os olhos para essas manifestações, pois podem ser danças que os estudantes cultuam fora da escola.”*
- d) *“Comparando, indagando e aprofundando conteúdos para que a turma reflita.”*
- e) *“Foi uma mudança que acompanhou uma série de outras transformações.”*

Habilidade trabalhada

Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.

Resposta comentada

Letra *A*, pois quando o interlocutor utiliza *“Eu acredito...”* ele busca atenuar o efeito de sua afirmação de modo a que esta não pareça uma verdade categórica, já que se trata apenas de uma opinião pessoal do entrevistado.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Observe o trecho a seguir:

“A escola, antes voltada apenas para o conhecimento acadêmico ou a inserção no mercado, passou a visar a participação do aluno em todos os setores da vida social, o que mexeu com os objetivos da área. E a própria legislação, que desde a década de 1970 apontava um compromisso com a melhoria da performance física e a descoberta de talentos esportivos, foi substituída em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que propõe que a Educação Física seja parte integrante da proposta pedagógica da escola”.

Nele, podemos perceber que o entrevistado busca trazer uma informação, focalizando o contexto. Assim, pode-se dizer que no trecho acima há um predomínio da linguagem:

- a) Metalinguística
- b) Fática
- c) Referencial ou denotativa
- d) Emotiva ou expressiva
- e) Conativa ou apelativa

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Letra **C**, no trecho há o predomínio da linguagem referencial ou denotativa, pois transmite uma informação de forma objetiva, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação, transmitindo impessoalidade. O entrevistado busca ser técnico não abrindo qualquer possibilidade para interpretação além da que está exposta, apresenta apenas os fatos.

QUESTÃO 5

O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos. É normamente introduzido por um verbo chamado *dicendi*, ou seja, que antecede, mediata ou imediatamente, uma declaração ou pergunta.

No trecho: “*Considerado um dos principais investigadores dessa tendência, o professor Marcos Garcia Neira, da Universidade de São Paulo (USP), defende que a principal função da Educação Física escolar é analisar a diversidade das práticas corporais da sociedade.*”, o reporte utiliza-se do discurso indireto para reportar a opinião do entrevistado, indique qual o verbo *discedi* da frase, substituindo este por outro da mesma categoria, sem que haja alteração de sentido.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

O verbo *dicendi* é “*defende*”, pois antecede a exposição da opinião do entrevistado expressa nas palavras do repórter. Podendo ser substituído sem alteração de sentido por verbos como sustentar ou apoiar.

TEXTO COMPLEMENTAR

Este Texto Complementar pertence ao gênero *reportagem*. Ele fala sobre o bullying nas escolas.

“OUVIR O AGRESSOR REDUZIU O BULLYING”

Professora de Aracaju mostra que aproximar-se do aluno que ameaça os colegas é um caminho para ele mude de atitude

Marcelo Volpato

Caso real “Eu tinha um aluno que vinha de uma família com problemas de relacionamento. Ele via a agressividade do pai com a mãe e reproduzia tudo aquilo no ambiente escolar”, conta Abjan Santos Gomes, professora de Ciências do Colégio de Primeiro e Segundo Grau Governador Augusto Franco, em Aracaju (SE). Esse aluno liderava os casos de bullying naquela turma e, com a ajuda de alguns colegas, agredia, xingava e batia nos mais fracos. “Em um dos casos, ele chegou a ferir um colega até sangrar”, relembra.

Abjan decidiu, então, iniciar ações de combate à violência com a sala. De início, por meio do diálogo, convidou os alunos a refletirem sobre suas próprias ações, com base no tema “aquilo que não quero para mim, não posso ofertar aos outros”. “Meu objetivo era fazer os alunos se colocarem no lugar dos colegas”. Além do debate, a turma também participou de encenações teatrais e produziu cartazes com mensagens que pediam mais respeito para melhorar a convivência na escola.

Mas, na visão da professora, ainda era preciso incluir a família nesse processo. “Muitas vezes, os pais incentivam os filhos a serem violentos, a agredir quando são agredidos”. Ela passou, então, a organizar reuniões quinzenais com os familiares. “Se você não trouxer a família, você não consegue atingir o aluno”, conclui.

Nas primeiras atividades com a turma, o aluno que ameaçava os colegas quase não participou. “Um dia, ele me procurou para dizer sobre as coisas que não gostava. Ouvi e dei importância a ele. Depois disso, ele começou a participar mais, com uma atitude melhor e o comportamento do grupo como um todo melhorou muito”, avalia.

Palavra de especialista.

Está claro e é uníssono entre os pesquisadores da área que atos de bullying podem ter causas relacionadas a ambientes familiares agressivos. Justamente por isso, gestores e professores precisam construir na escola um ambiente sócio-moral baseado no respeito e em um relacionamento sadio. “É necessário que a escola pare de culpar as famílias por todos os

problemas que enfrenta e busque uma revisão interna sobre a organização do ambiente escolar”, alerta Adriana Ramos, pedagoga e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A própria inclusão das famílias pode ser uma estratégia de combate ao bullying, mas não a única. Toda a escola – incluindo gestores, coordenadores, professores, funcionários, alunos e pais – precisa participar ativamente de processos de manutenção das relações interpessoais na escola. “Um aluno que não tem uma família considerada estruturada ou pais ausentes é justamente aquele que mais precisa de uma escola justa e respeitosa para seu desenvolvimento”, alerta Ramos.

Para a especialista, punir não é o melhor caminho para resolver problemas de bullying entre alunos. E foi exatamente esta a postura da professora Abjan Gomes. “Ela soube se sensibilizar em relação ao agressor, um personagem muitas vezes negligenciado e até tratado como culpado. A professora não julgou o aluno, mas procurou incentivá-lo a reconhecer seus próprios sentimentos”, analisa Adriana.

(Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/ouvir-agressor-definicao-bullying-644933.shtml>)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 6

Os textos Geradores 1 e 2 apresentam características semelhantes por pertencerem ao Gênero entrevista, ou seja, é um texto informativo cujo objetivo é fazer com que o leitor conheça melhor as opiniões e ideias do entrevistado, apresentando elementos característico. Já o texto Complementar trata-se de uma reportagem, ou seja, é um texto que apresenta diversas opiniões e versões do mesmo fato, que é enfocado de forma abrangente, apresentando detalhes.

Com base nos textos gerados 1, 2 e 3 e nas explicações acima, apresente uma diferença no tratamento da informação nestes dois tipos de textos informativos.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

Em uma reportagem o jornalista levanta argumentos e relata acontecimentos acerca de um determinado assunto a fim de repassar este conteúdo, esta informação aos leitores. Na reportagem a informação é repassada com enfoque na visão do repórter, que a transmite de seu modo, por exemplo: *“Abjan decidiu, então, iniciar ações de combate à violência com a sala. De início, por meio do diálogo, convidou os alunos a refletirem sobre suas próprias ações, com base no tema “aquilo que não quero para mim, não posso ofertar aos outros”.*” (Texto Complementar).

Já em uma entrevista são feitas perguntas para um entrevistado, aí as informações são passadas por meio da visão de mundo deste entrevistado, levando em conta sua subjetividade, como em: *“Na prática, quais foram as principais transformações? NEIRA Eu acredito que a Educação Física passou a ser reconhecida como um componente importante para a formação dos alunos.”* (Texto Gerador 2).